

ANC

4 • O PAÍS

Terça-feira, 24/3/87 O GLOBO

# Respeito pelos pactos

ESTÁ POR demais recente, para ser esquecido: foi a Aliança Democrática que viabilizou a transição do regime autoritário para a prática democrática de que desfrutamos hoje; foi ela que avalizou a mudança sem traumas e sem aventuras; e sem ela não se teria desencadeado o processo a desaguar agora na Constituinte.

NÃO FOI o PMDB, isolado e com a só força de seu apelo específico, que assumiu o poder, em março de 1985. Foi a Aliança Democrática, em cuja criação teve um papel imprescindível a dissidência que hoje forma o PFL.

IGNORAR, pois, a Aliança Democrática, seria inadmissível, no PMDB: seria um ato de felonía; seria a ruptura de um pacto, provocada pela parte majoritária e promovida pela força. Ora, sabemos todos que a democracia, quadro maior de referência do processo político ora em curso, é, ela mesma, um pacto: pacto que, se atribui à maioria o comando, exige dela, como postulado e qualificação prévia, o respeito aos parceiros, o acatamento dos direitos da minoria.

E SERIA ainda incompatível com a proposta do PMDB: a menos que o "movimento democrático" sob que se registrou o PMDB seja mero rótulo, jamais se poderá interpretar a vitória nacional de novembro último como trânsito livre para um relo compressor, como se criasse direito a uma ditadura da maioria. Não se faz democracia a golpes de força.

ORA, NEM bem empalmada a liderança do PMDB na Assembleia Constituinte, proclama o Senador Mário Covas perempto o acordo firmado com o PFL em torno da 1º Vice-Presidência da Constituinte pelo Presidente do PMDB e da Constituinte, Deputado Ulysses Guimarães. Por quê? Porque o Presidente do PMDB não teria autoridade para negociar acordos com outros partidos, especialmente com o PFL, sócio necessário na origem e evolução da Aliança Democrática? Ou porque seria por natureza viciado um acordo com o PFL?

NENHUMA das alternativas é cabível. Como não tem cabimento o PMDB zerar compromissos e inovar de maneira a reduzir a tábua rasa tudo que se faz antes: além de

pretensão desvairada, seria violação do que há de mais comezinho na convivência partidária, a confiança mútua, para equilíbrio do sistema de segurança das democracias, o sistema partidário.

BURLA-SE o sistema partidário, quando uma maioria ocasional — até mesmo uma maioria tal como a conseguida pelo PMDB nas eleições de novembro — comporta-se e age como partido único. Mas não se burla impunemente o sistema partidário: com ele soçobra a sociedade de opiniões e o incentivo à crítica, que são o próprio pluralismo em exercício; com ele se aperfeiça a democracia em ritual eleitoral que se repete, mas sem capacidade de transformação, evolução, aprimoramento.

A ALIANÇA Democrática não foi uma união espúria. E seria hoje inominável farisaísmo do PMDB (ele próprio um leque de tendências) assim proclamá-la e rejeitá-la. Ela foi a saída, encontrada pela sabedoria política de Tancredo Neves. A liberação da sociedade brasileira do confronto de radicalismos em cujo meio ela se viu colhida. Colhida e presa por muito tempo.